

Mídia
Data/Edição
Categoria
Evento

Revista
Fev.2018 | n. 113
Entrevista
Obra – Beatriz Milhazes

Veículo
Seção
Catalogação

Poder Joyce Pascowitch
Arte
COD.BM.0048

ARTE

VALE A PENA VER DE NOVO

Beatriz Milhazes, que está entre os artistas vivos mais caros do mundo, fala do livro da Taschen sobre seu trabalho e conta como se reinventa depois de três décadas de carreira

Lançado no fim do ano passado, e com edição limitada, o livro da alemã Taschen percorre as diferentes fases do trabalho de Beatriz Milhazes. São mais de 280 peças criadas entre 1981 e 2016 com técnicas como pintura, colagem sobre papel, além de instalações, esculturas e obras para espaços públicos com a profusão de cores, ritmos e formas exuberantes que são marcas registradas de Beatriz.

Uma mostra panorâmica da artista no Brasil está em projeto para 2019/2020. Até lá, ela prepara uma exposição com peças inéditas na White Cube, em Londres, com abertura prevista para abril, e ainda assina dois murais para o novo prédio do Hospital Presbiteriano de Nova York, que deve abrir este ano. Em entrevista a PODER, Beatriz fala sobre a carreira, o prestígio dos artistas brasileiros lá fora e os recentes episódios de censura às artes por aqui [ano passado, um vídeo que viralizou na internet gerou polêmica ao mostrar uma criança tocando os pés de um artista nu durante performance no Museu de Arte Moderna, MAM, em São Paulo].

PODER: Como foi o processo de preparação do livro?

BEATRIZ MILHAZES: Tudo começou em 2007, quando Hans Werner Holzwarth, editor contratado pela Taschen, iniciou uma pesquisa no arquivo do meu ateliê. Em paralelo, fez uma ampla leitura de textos, de artigos e de críticas. Foi preciso fotografar novamente várias obras, o que exigiu descobrir peças desaparecidas e uma logística que envolveu colecionadores, galerias e marchands em diversos países no mundo. Foi um trabalho muito interessante de revisão de minha obra e carreira, um repensar sobre todo esse processo e a evolução de 1981 a 2016. Foi um aprendizado.

PODER: Depois de mais de três décadas de carreira, o que você faz para se reinventar?

BM: Meu processo é sempre evolutivo. Digo que trabalho meio como cientista: a cada período introduzo novas questões para a pintura, que iniciam uma reação em cadeia, ideias que, depois, provocam uma mudança no resultado plástico. A descoberta da possibilidade de desenvolver obras importantes em outros meios como colagem sobre papel, serigrafia, instalações, cenografia, obras para espaços públicos e, mais recentemente, esculturas, me deram a chance de pensar e de dialogar com a minha linguagem em arte.

PODER: Você acha que, atualmente, o cenário internacional está mais favorável para os artistas brasileiros?



BM: O fato mais recente e que considero um grande avanço é o interesse pela história da arte brasileira. Retrospectivas de artistas como Lygia Clark, Lygia Pape, Hélio Oiticica e, em 2018, Tarsila do Amaral no MoMA, em Nova York. Isso é fantástico! Quando iniciei minha carreira no exterior, nos anos 1990, era muito difícil falar sobre o nosso modernismo, especialmente de Tarsila do Amaral, uma referência importante para a minha obra, e perceber o desconhecimento sobre a nossa história da arte.

PODER: Qual é sua avaliação dos recentes episódios de censura às artes no país?

BM: A liberdade de expressão na arte é fundamental e esses episódios não são novos. Márcia X [Márcia Pinheiro de Oliveira], artista de minha geração, sempre teve manifestações agressivas como resposta às suas exposições. Em 2005, uma obra sua foi retirada de uma mostra no Paço Imperial, no Rio de Janeiro, por “agredir a moral e a Igreja Católica” [a obra mostrava o contorno de dois pênis feito com terços]. Nelson Leirner foi processado por pedofilia em uma mostra de 1998, no Rio [o artista fez um grafite com conotações sexuais sobre uma foto de Anne Geddes, australiana conhecida por seus retratos de bebês]. Esses episódios tiveram ampla cobertura da imprensa, mas não estávamos na era das redes sociais. Hoje, é preciso ter cuidado com possíveis manipulações políticas por trás dos fatos, tanto da chamada “direita” quanto da chamada “esquerda”. A arte sempre incomoda, a liberdade de pensamento não é controlável e o artista é um ativista em si.